

SÃO GERALDO DO BAIXIO:

FORMAÇÃO HISTÓRICA E
TERRITORIAL NUMA PERSPECTIVA
INTEGRADORA

PATRÍCIA FALCO GENOVEZ



PATRÍCIA FALCO GENOVEZ

SÃO GERALDO DO BAIXIO:

FORMAÇÃO HISTÓRICA E TERRITORIAL
NUMA PERSPECTIVA INTEGRADORA

(PROJETO INTEGRADOR - ARQUITETURA
E URBANISMO/UNIVALE)

GOVERNADOR VALADARES
EDITORA UNIVALE

2018

**CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
PATRÍCIA FALCO GENOVEZ**

**REVISÃO
PATRÍCIA FALCO GENOVEZ
JOSÉ LUIZ CAZAROTTO**

**2018
UNIVALE
RUA ISRAEL PINHEIRO, 2000 (BAIRRO UNIVERSITÁRIO)
CEP: 35.020-220 – GOVERNADOR VALADARES – MG**

Ficha Catalográfica - Biblioteca Dr. Geraldo Vianna Cruz (UNIVALE)

Genovez, Patrícia Falco.
São Geraldo do Baixio [recurso eletrônico] : formação
G335s histórica e territorial numa perspectiva integradora / Patrícia
Falco Genovez. -- Governador Valadares, MG : UNIVALE,
2018.
75 p. : il. algumas color.

Projeto Integrador – Arquitetura e Urbanismo/UNIVALE.
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader.
ISBN : 978-85-89046-68-8

1. São Geraldo do Baixio. 2. Formação histórica. 3.
Território. 4. Educação. 5. Arquitetura. I. Genovez, Patrícia
Falco. II. Título.

CDD 711.43
CDU 711.25

Catálogo na publicação: Bibliotecário Edson Félix – CRB6/2983



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
1. O CONTEXTO HISTÓRICO E TERRITORIAL: OCUPAÇÃO INICIAL	08
2. O INÍCIO DO POVOADO DE SÃO GERALDO DO BAIXIO	21
3. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO	27
4. OS MORADORES ANTIGOS DE SÃO GERALDO DO BAIXIO E AS HISTÓRIAS DA CIDADE	47
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS	55
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXO - IMAGENS REFERENTES A SÃO GERALDO DO BAIXIO	69



APRESENTAÇÃO

O levantamento apresentado a seguir reflete o esforço de pesquisa do 7º período (matutino/noturno) do curso de Arquitetura e Urbanismo/ Univale, no primeiro semestre de 2018. Soma-se a esse esforço um trabalho de levantamento, efetuado em 2011, pelas então alunas do curso de História/Univale Jordania Aguiar Pereira e Lorena C. A. da Silva e o Trabalho de Conclusão de Curso de Henis Neves Ferreira, elaborado em 2017, como atividade final avaliativa do curso de Pedagogia da Univale.

Num primeiro plano, a proposta de um projeto integrador, congregando as disciplinas do 7º período: Instalações prediais hidráulicas, Urbanismo, Projeto Arquitetônico V, Patrimônio Cultural e Instalações Elétricas, sob a responsabilidade dos respectivos professores das disciplinas, implica em desenvolver uma perspectiva interdisciplinar sobre o processo urbano que originou o município de São Geraldo do Baixio, local onde se situa a Escola Municipal Teresa Barbosa, ponto focal a ser tratado pela dinâmica integradora.



De maneira mais particular, a disciplina Patrimônio Cultural e Técnicas Retrospectivas, sob responsabilidade da professora Dra. Patrícia Falco Genovez, contribuirá com a elaboração do contexto histórico e cultural no entorno da Escola Municipal Teresa Barbosa. Por meio da História Oral (entrevistas), pesquisa documental (documentos variados) e pesquisa iconográfica (fotografias), buscamos elaborar, mesmo que preliminarmente, o contexto do local de implementação do projeto integrador.

Num plano mais amplo, os resultados da pesquisa empreendida expressam o desafio de congregar ensino, pesquisa e extensão; e, de forma mais significativa, articula graduação e pós-graduação. Desse modo, favorece várias aproximações: aquela que se dá entre o Mestrado Interdisciplinar Gestão Integrada do Território e o curso de Arquitetura e Urbanismo da Univale; outra entre os alunos de graduação e a pesquisa e, por fim, talvez a mais expressiva, a aproximação entre a comunidade acadêmica e comunidade de São Geraldo do Baixio. Esperamos que essas aproximações se tornem encontros produtivos para todos os envolvidos neste Projeto Integrador.



Em termos da organização deste texto, o elaboramos propondo inicialmente o levantamento de indícios pouco pesquisados: a formação histórica e territorial que precede a chegada dos primeiros desbravadores. Esses são elementos levantados na primeira parte deste livreto. A segunda parte trata, propriamente, da apropriação das terras e da transformação de um pequeno povoado em distrito e, posteriormente, em cidade, mediante o processo de emancipação. Na terceira parte, buscamos elementos para evidenciar o processo urbanístico empreendido pela comunidade. Por último, retomamos a histórica de São Geraldo do Baixio a partir de seus próprios moradores.

Entendemos que o material produzido não representa um aprofundamento sobre a história do município, mas, fornece indícios que poderão ser pesquisados posteriormente. Entretanto, consideramos que essa contextualização tenha elementos para servir como um primeiro referencial não só dos professores e graduandos que participam deste Projeto Integrador, como também, pode ser útil para os professores, alunos e toda a comunidade de São Geraldo do Baixio.



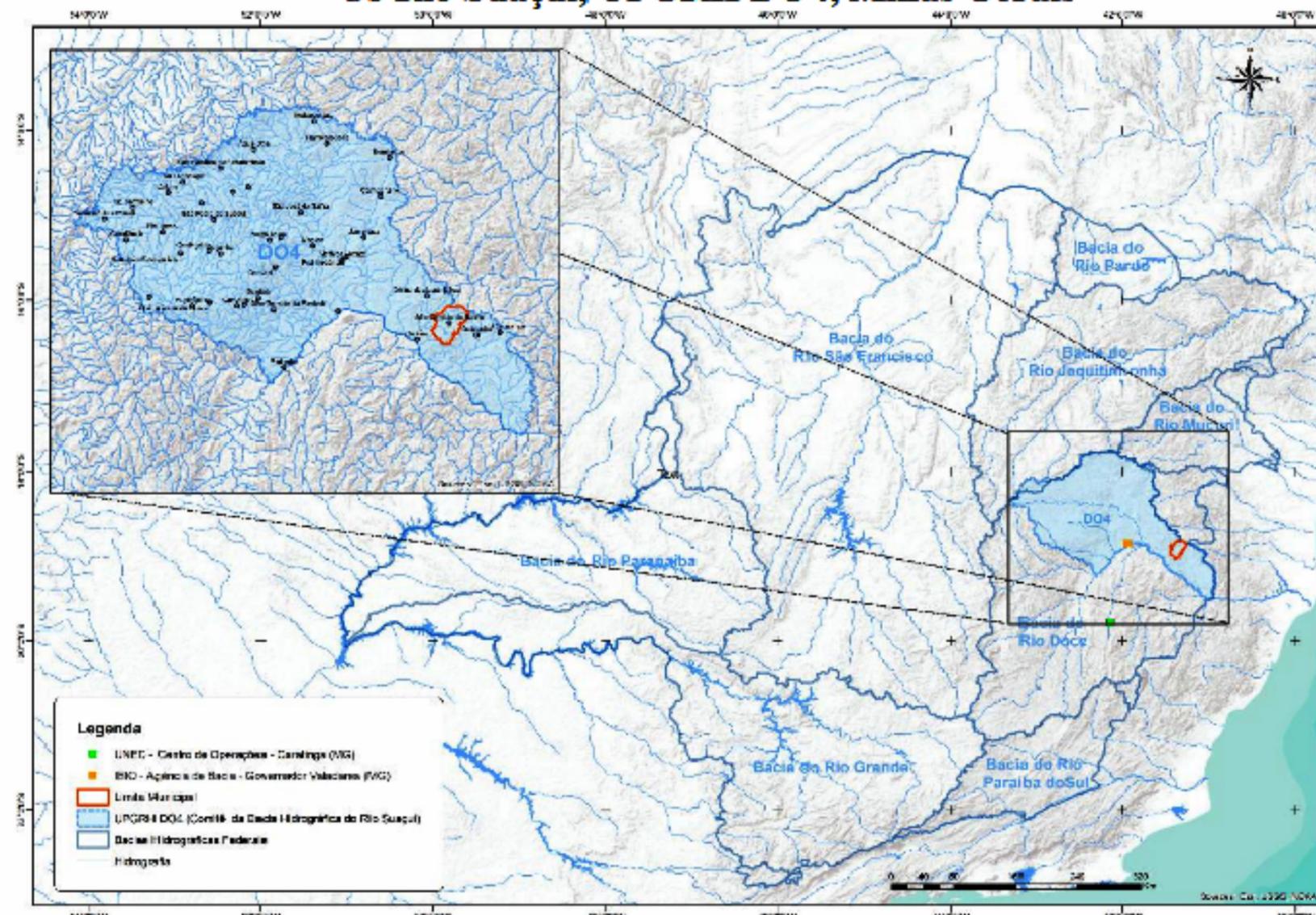
1. CONTEXTO HISTÓRICO E TERRITORIAL: OCUPAÇÃO INICIAL

LOCALIZAÇÃO E DADOS INICIAIS

O município de São Geraldo do Baixo localiza-se no Estado de Minas Gerais, na Mesorregião do Vale do Rio Doce, Microrregião de Governador Valadares, na Bacia Hidrográfica do rio Suaçuí [Figura 1]. De acordo com o IBGE, possui uma área de 214,08 Km². [1] O histórico dessa região será considerado no próximo item.

Quanto a sua formação administrativa, destacamos que, de acordo com a Assembleia Legislativa, o distrito com a denominação de São Geraldo do Baixo foi criado pela lei estadual nº 336, de 27 de dezembro de 1948. [2] A criação do distrito ocorreu em virtude do desmembramento

Figura 1: Localização do Município de São Geraldo do Baixo, Bacia Hidrográfica do Rio Suaçuí, UGRH DO4, Minas Gerais



Fonte: IBGE (2014) e FUNEC (2016).

das terras do distrito de Ponta do Norte e da sua anexação do município de Galiléia (antiga Mocovita).

Em 1995, portanto, o distrito é elevado à categoria de município com a denominação de São Geraldo do Baixio, pela lei estadual nº 12.030, de 21 de dezembro do mesmo ano. Desmembrado do município de Galiléia, São Geraldo do Baixio passa a ter como distrito Sede o antigo distrito de São Geraldo do Baixio, instalado em 01 de janeiro de 1997.

Em 2003, uma nova divisão territorial ocorre. Pela lei nº 196, de 09 de junho de 2003, foi criado o distrito de Conceição das Laranjeiras, anexado ao município de São Geraldo do Baixio.

A história da formação do município, entretanto, se articula e reflete a história da formação territorial da região do Vale do Rio Doce.



[1] Sobre dados referentes ao município de São Geraldo do Baixio ver PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GERALDO DO BAIXIO. Plano municipal de saneamento básico (PMSB) do município de São Geraldo do Baixio/MG - Relatório Final e Proposição da Minuta de Lei do PMSB (Produto 08/08), 2016. p. 31 e 32.

[2] Sobre a divisão administrativa ver IBGE. Brasil em síntese. Minas Gerais. São Geraldo do Baixio. Site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-geraldo-do-baixio/historico> - acessado em 20/04/2018.

ALGUNS ASPECTOS DA FORMAÇÃO TERRITORIAL DA REGIÃO DO VALE DO RIO DOCE [3]

De acordo com ESPINDOLA (2011, p. 52), "A guerra movida no sertão do Rio Doce pelo Império Português contra os índios botocudos, acusados de serem "os mais façanhosos e carnívoros" que "infestam quase toda a baixada daquele rio", foi marcada por ações militares visando ao seu extermínio, seguida de uma política escravagista como meio de fomentar a ocupação da região".

A ocupação de toda a região dependia do extermínio indígena e para cumprir essa missão a Coroa Portuguesa designou as divisões militares, sendo elas: "a do médio rio Doce, desde Cachoeira Escura até Cachoeira de Baguari (Primeira DMRD); a dos vales dos rios Pomba e Uriaé (Segunda

DMRD); a dos vales dos rios Xopotó, Casca e Matipó e cabeceira do rio Manhuaçu, todos afluentes meridionais do rio Doce (Terceira DMRD); a das bacias do rio Piracicaba e do Ribeirão do Carmo, afluentes setentrionais do rio Doce (Quarta DMRD); a do médio rio Doce, de Cachoeira de Figueira até as Cachoeiras das Escadinhas, na divisa com o Espírito Santo (Sexta DMRD); e a da porção norte da bacia do rio Doce e parte da bacia do Mucuri (Quinta DMRD). Em 1811 foi criada a sétima Divisão Militar, englobando o vale do médio rio Jequitinhonha (Sétima DMRD)".
(ESPINDOLA, 2011, p. 53)

[3] Sobre o processo de ocupação do Vale do Rio Doce ver ESPINDOLA, Haruf Salmen. Extermínio e servidão. Revista do Arquivo Público Mineiro. V. 47, fascículo 1, p. 48-64, jan-jun, 2011.

A população indígena do Vale do Rio Doce relacionava-se às famílias linguísticas botocudo, puri, malali, maxacali e pataxó. Dentre essas famílias os botocudos eram os mais numerosos e se estabeleceram desde "o vale do rio Itapemirim, no Espírito Santo, até a Bahia, estando nos rios Jequitinhonha e Doce as duas principais "colônias"". (ESPINDOLA, 2011, p. 55) Dentre os botocudos estabelecidos na parte meridional do rio Doce destacavam-se "os nakrehé, crecmum, pejaurum e ituêto (etwét); no norte sobressaíam os naknenuck e jiporok" (ESPINDOLA, 2011, p. 55).

A presença das divisões militares (1808-1836) contribuiu para conhecer melhor os botocudos e mostrou que o temor luso-brasileiro era infundado. Entretanto, a região continuava pouco colonizada.

"Para se apoderar das terras e expulsar as populações nativas nela residentes, particulares utilizaram uma prática da época da guerra ofensiva, que foi denominada de "matar aldeia". Fazendeiros e garimpeiros interessados em se apoderar de uma área contratavam ex-soldados índios das divisões militares para conduzir ações contra a população nativa dessa área. Em 1927 ocorreu a última ação dessa natureza, praticada por fazendeiros e colonos emigrantes da "colônia" Bueno Brandão. Os krenak foram emboscados na aldeia de Kuparak (onça-pintada), com alguns remanescentes de naknehé, que haviam se instalado ali, fugindo do contato com o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e Localização de Trabalhadores Nacionais". (ESPINDOLA, 2011, p. 63) [4]

"Os sobreviventes desse ataque foram os últimos botocudos livres a serem confinados no posto indígena do rio Eme, no município de Resplendor, única reserva de terras que permaneceu nas mãos do povo botocudo". (ESPINDOLA, 2011, p. 63)

De acordo com Espindola (2011, p. 63):

"No século XX houve um apagamento da memória associada aos índios, mestiços, negros, pardos e posseiros que, junto aos soldados das divisões militares, jagunços, missionários, garimpeiros e aventureiros, colonizaram o sertão do rio Doce. Esse apagamento da memória foi um exercício de poder da oligarquia proprietária para fixar uma narrativa alterando o tempo para fazer da história a sua narrativa

particular, que começaria com sua chegada, na primeira metade do século XX. Ficaram no esquecimento os tempos bravios e os botocudos que dominavam as florestas do sertão do rio Doce".

[4] A 'Localização de Trabalhadores Nacionais' foi criada em 1910 e vigorou até 1918, quando passa a ser denominada Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTAN). Este serviço buscava uma atuação leiga para a nacionalização indígena. Ver Fundação Nacional do Índio.

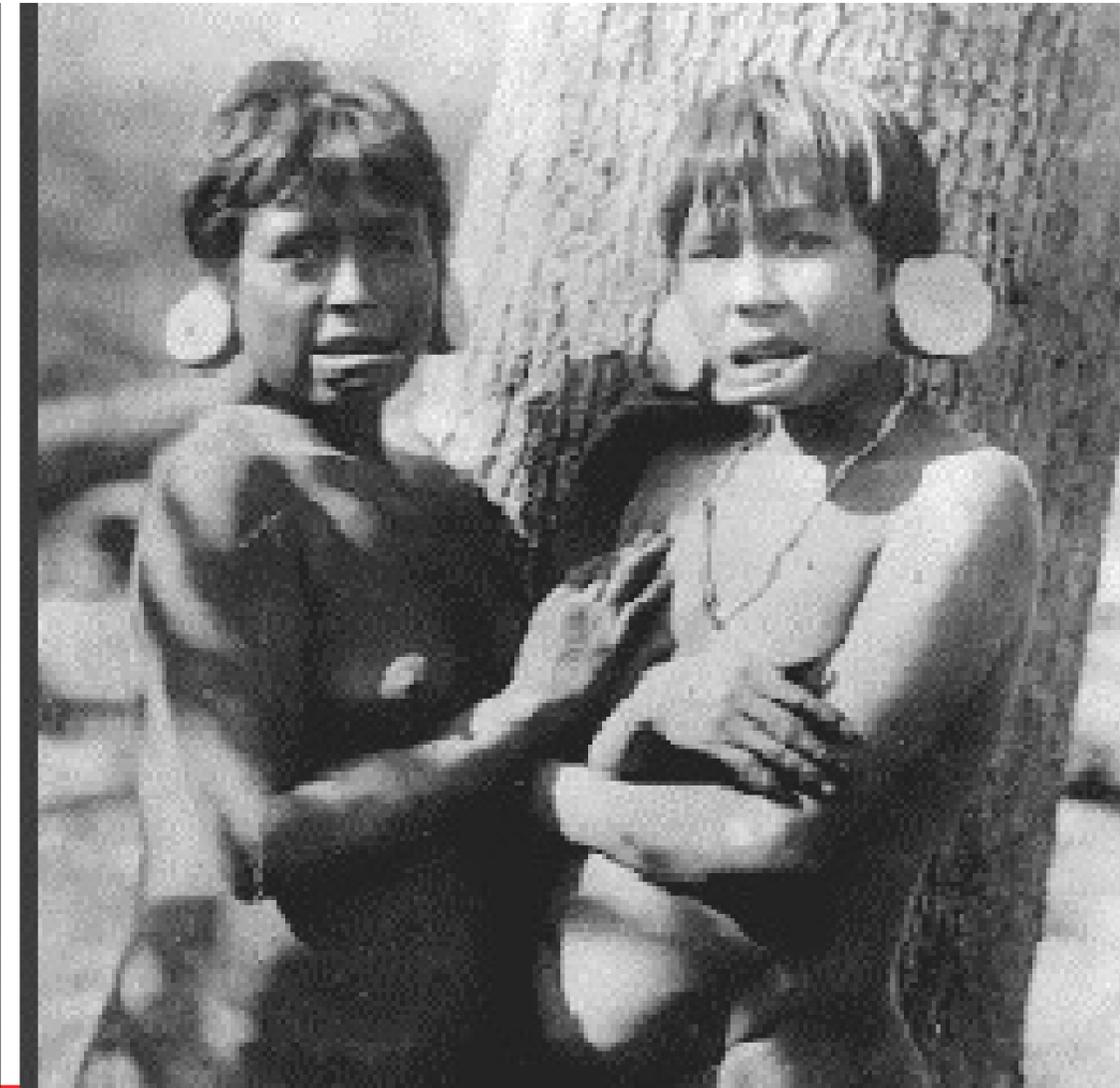
Comunidades que habitaram a região onde hoje se localiza o município de São Geraldo do Baixo, dentre elas destacamos os: Krenak, Kuparaque, Pataxó e Botocudos.



KRENAK
ACERVO PLÍNIO
AYROSA/USP



PATAXÓ
ACERVO HAROLDO
KENNEDY



BOTOCUDOS

ETNIAS EXISTENTES ATUALMENTE EM MINAS GERAIS

AS ETNIAS DE MINAS GERAIS E SUA LOCALIZAÇÃO



CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL: CONTEXTO HISTÓRICO DE SÃO GERALDO DO BAIXIO [5]

Após um longo período de guerras aos botocudos e outras etnias já estabelecidas no Vale do Rio Doce e do processo de apagamento da memória que envolveu a ocupação desse território, verifica-se o surgimento de vários vilarejos e distritos, dentre eles São Geraldo do Baixio, entre as décadas de 1920-1940. Essas décadas, em específico, são o período de colonização da zona de influência da Estrada de Ferro Vitória-Minas, constituída em todo o médio rio Doce.

A Microrregião de Governador Valadares, à qual São Geraldo do Baixio pertence, teve uma ocupação mais lenta prevalecendo o vazio e a mata virgem entre Natividade (Aimorés) e Figueira (Governador Valadares) até a chegada dos trilhos da ferrovia.

"Para Fonseca, contemporâneo da inauguração da estação ferroviária de Figueira, a EFVM fez surgir duas correntes de povoamento: uma de comerciantes vindos das áreas de colonização antiga de Minas Gerais, tais como Guanhões, Peçanha, Manhuaçu, Caratinga, Zona da Mata e do Espírito Santo; outra de "sertanejos" das adjacências e do norte. Também chegaram estrangeiros: italianos, espanhóis, libaneses: "Era uma correria! Brotava gente de todo lado". Cresceu o fluxo de tropas de carga, vindas de lugares próximos e distantes". (ESPINDOLA e WENDLING, 2008, p. 184)

[5] ESPINDOLA, Haruf Salmen Espindola; WENDLING, Ivan Jannotti. Elementos biológicos na configuração do território do rio Doce. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p.177-197, jan/jun 2008.

**"Anuário estatístico dos Transportes 1985" - Geipot
apresentação: Flavio R. Cavalcanti**



Considerando o traçado da Estrada de Ferro Vitória-Minas, várias estações vizinhas ao antigo distrito de São Geraldo do Baixio fizeram o transporte de cargas e passageiros: Barra do Cuieté, Conselheiro Pena e Galileia.



**A ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE
SÃO TOMÉ DO RIO DOCE
(GALILEIA)**

**A ESTAÇÃO FOI INAUGURADA EM 1939
ACERVO ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO
BRASIL**



ESTAÇÃO DE BARRA DO CUIETÉ

**A ESTAÇÃO FOI INAUGURADA ENTRE OS
ANOS DE 1945-1948**

**ACERVO ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO
BRASIL**



**ESTAÇÃO DE CONSELHEIRO PENA
(ANTIGO LAJÃO)**

A ESTAÇÃO FOI INAUGURADA EM 1908

**ACERVO ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO
BRASIL**

O processo de ocupação da Microrregião exigiu grandes investimentos de capital, infra-estrutura e o saneamento necessários ao desenvolvimento de algumas atividades econômicas: exploração de minerais não metálicos (mica e pedras coradas) e formação das indústrias da madeira, carvão vegetal e lenha.

"Nas zonas de ocupação recente, nos terrenos desflorestados desenvolveu-se a pecuária de corte. Nas zonas de colonização antiga e maior altitude a agricultura experimentou um reflorescimento, beneficiada pela melhoria dos transportes". (ESPINDOLA; WENDLING, 2008, p. 185)

Na década de 1960, período em que São Geraldo do Baixio ainda mantinha-se na divisão territorial de Galileia, a base econômica da zona de Governador

Valadares assentava-se no tripé: "pecuária de corte, indústria de madeira e extração e beneficiamento da mica. A engorda de gado bovino constitui a atividade mais importante, com novilho e boi magro, em parte, provenientes das zonas do Mucuri e Jequitinhonha. A região que havia se constituído como "fronteira de ocupação de posseiros" tinha se transformado com a "penetração da economia capitalista". " (ESPINDOLA; WENDLING, 2008, p. 185)

Nesse sentido, podemos considerar que uma nova 'guerra' é deflagrada na região. "Ocorre o choque entre múltiplos interesses: os posseiros foram deslocados pela força de "especuladores de terras, madeireiros, empresas americanas de extração da mica e berilo empresas siderúrgicas, comerciantes, profissionais liberais e outros". (ESPINDOLA; WENDLING, 2008, p. 185)

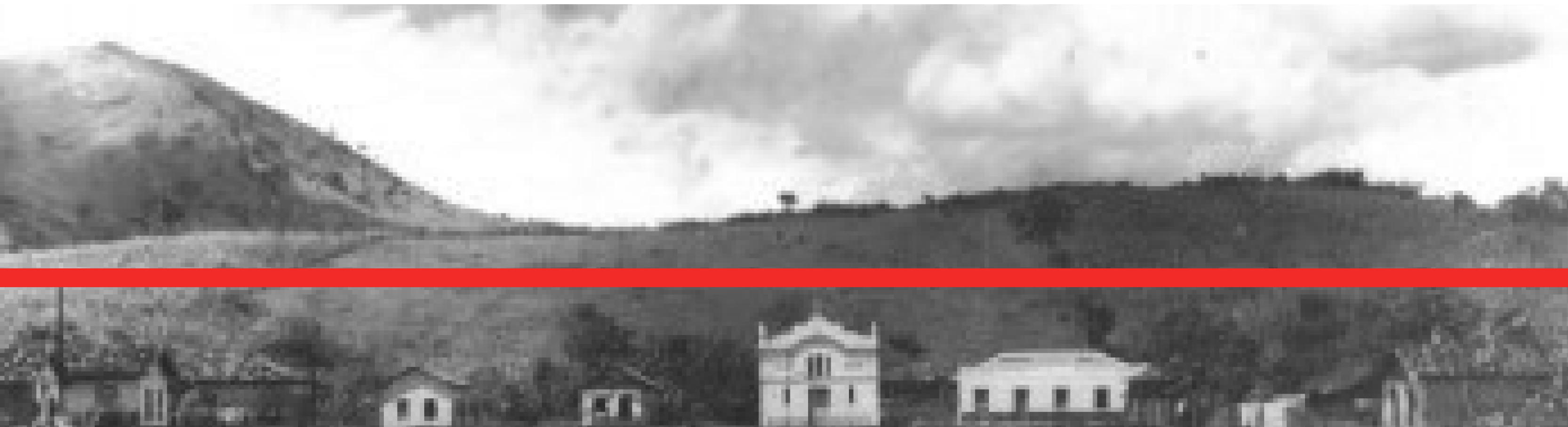
2. O INÍCIO DO POVOADO DE SÃO GERALDO DO BAIXIO

O POVOADO DE SÃO GERALDO DO BAIXIO: OS PRIMEIROS DESBRAVADORES [6]

De acordo com relatos de moradores antigos, foi no início da década de 1920 que se registra a chegada do Capitão Messias Gonçalves de Oliveira e sua família, oriundos de Alvarenga (MG) - antiga Floresta do Sul. [7] Não se sabe ao certo se o rancho foi instalado em terras apossadas ou compradas. Entretanto, verifica-se que havia plantação de gêneros alimentícios variados e a criação de animais (galinhas, porcos e bois). O Capitão Messias também se dedicou às atividades de mineração em suas terras.

[6] Dados obtidos a partir da pesquisa de campo realizada por Jordania Aguiar Pereira e Lorena C. A. da Silva. Onde mora nossa história - São Geraldo do Baixio. Monografia. 40f. Curso de História/Univale. Governador Valadares, 2011. Ver também IBGE. Brasil em síntese. Minas Gerais. São Geraldo do Baixio.

[7] Floresta do Sul foi um dos distritos de Caratinga criado em 10 de abril de 1880. Em 1923, passou a fazer parte de Itanhomi, e mais tarde de Conselheiro Pena (1938). Recebe o nome de Alvarenga em 1943 e se emancipa em 1963.



Em fins da década de 1920 chegou à região o agricultor Francisco Mariano. Ele comprou aproximadamente duzentos alqueires de terras do Capitão Messias e doou vinte e cinco alqueires para instalação de um povoado, atraindo famílias de outras áreas vizinhas, dentre elas: a família dos "Juca" e dos "Casecas". Este povoado ficou conhecido como "Norte do Rio Doce".

No início da década de 1930, após a Revolução Constitucionalista, a sogra de Francisco Mariano, a senhora Tereza Barbosa que dá nome a Escola Municipal alvo do projeto integrador, pediu ao Capitão Messias para trazer uma imagem de São Geraldo, do qual era devota. A imagem foi trazida de Floresta do Sul e ficou abrigada na casa da senhora Tereza até que um templo fosse erguido em dedicação a este santo.



A primeira igrejinha foi erguida pela comunidade com a madeira extraída da mata local. Após a construção o povoado passou a ter uma nova denominação: São Geraldo e, em função de estar localizado em terras baixas, foi acrescentada essa característica do relevo da região.

Na década de 1950 as alterações urbanísticas ocorridas no distrito levaram a edificação de uma nova igreja, finalizada em 1958. [8]

[8] PEREIRA, Jordania Aguiar, SILVA, Lorena C. A. Onde mora nossa história - São Geraldo do Baixio. Op. Cit.





**Em 8 de dezembro de 1948
São Geraldo do Baixio
deixava de ser um povoado
de Conselheiro Pena e
passou a ser distrito de
Galileia.**

Reconfigurações urbanísticas promovidas no distrito de São Geraldo do Baixio - atual praça Nossa Senhora de Fátima



3. O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO



ANOS DE 1980 E 1990 - AVANÇOS URBANOS E EMANCIPAÇÃO [9]

Em fins dos anos 1980, a administração pública de Galileia implantou as estações de tratamento de água e esgoto em São Geraldo do Baixio. Além dessas melhorias na infraestrutura urbana, reformou escolas e postos de saúde.

No início dos anos 1990, houve uma consulta pública à população quanto a emancipação do distrito. Mediante o aceite da população, formou-se uma comissão encarregada de organizar o processo emancipatório.

[9] PEREIRA, Jordania A.,
SILVA, Lorena C. A.. Onde mora
nossa história - São Geraldo do
Baixio. Op. Cit.





A Comissão emancipatória foi formada pelos seguintes membros:

- Ivo Ribeiro Viana (presidente)
- Geraldo da Paixão e Silva (Vice-Presidente)
- Jó de Oliveira Viana (Primeiro secretário)
- Emanuel da Silva Viana (Segundo Secretário)
- Celso Sales de Araújo (Tesoureiro)
- José Jotail da Silva (Tesoureiro)
- Emilson Ribeiro Viana (Divulgação)

Após dois anos, São Geraldo do Baixio se emancipou de Galileia, conforme a Lei n. 12.030 de 22 de dezembro de 1995.

No ato da emancipação, o povoado de Conceição das Laranjeiras foi incorporado ao território de São Geraldo do Baixio.



A ECONOMIA DO MUNICÍPIO É PAUTADA NA AGRICULTURA (MILHO E ARROZ), PECUÁRIA (GADO LEITEIRO E DE CORTE), CRIAÇÃO DE SUÍNOS E MINERAÇÃO (TURMALINA, QUARTZO E MICA).

HÁ INDÚSTRIAS DE PEQUENO PORTE E COMÉRCIO LOCAL.

EM TERMOS EDUCACIONAIS, O MUNICÍPIO POSSUI AS SEGUINTE ESCOLAS:

- MUNICIPAIS (PRÉ-ESCOLAR /1 A 4 SÉRIE): TEREZA BARBOSA, MARIA VIANA, COSTA E SILVA (RURAL), CONCEIÇÃO DAS LARANJEIRAS (RURAL), NOSSA SENHORA APARECIDA (RURAL), NOSSA SENHORA DA GUIA (RURAL), NOSSA SENHORA DE LOURDES (RURAL), NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO (RURAL), OLAVO BILAC (RURAL), SANTANA (RURAL), SANTO ANTÔNIO (RURAL), NOSSA SENHORA DA PENHA (RURAL), LIFONSO GONZAGA (RURAL)
- ESTADUAL (ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS): SÃO GERALDO DO BAIXIO

DENTRE AS ATIVIDADES FESTIVAS DESTACAM-SE: O CARNAVAL, A CORRIDA DE CAVALOS E A FESTA DO PADROEIRO.

O DESENVOLVIMENTO URBANO DE SÃO GERALDO DO BAIXIO SE FEZ MAIS PRESENTE APÓS O PROCESSO EMANCIPATÓRIO, OCORRIDO EM 1997.

DE ACORDO COM FERREIRA (2017B), A CIDADE É DIVIDIDA EM ÁREAS CENTRAIS E BAIRROS. [10]

DENTRE AS ÁREAS CENTRAIS, DESTACAMOS: A AVENIDA MESSIAS GONÇALVES E A PRAÇA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA;

E, OS BAIRROS: LEVINDO VALADARES, SANTA HELENA, HORTO E CENTRO.

[10] FERREIRA, Henis Neves. Cartografia dos bairros - Levantamento de campo. 2017b. (Anotações pessoais)

AVENIDA MESSIAS GONÇALVES

Esta é a principal avenida da cidade e leva o nome do fazendeiro que, de acordo com os registros oficiais, foi o primeiro proprietário de terras no local.

"No início desta avenida que liga a cidade de uma ponta a outra, está localizado o sistema de tratamento de esgoto da cidade (conhecido como 'pinicão'), um velho modelo de tratamento a céu aberto, que causa muito mau cheiro e muitos pernilongos. Do lado, existe um pequeno campo de futebol em construção e uma pequena fábrica de móveis rústicos" (FERREIRA, 2017b, p. 5)



Geraldo Do Baixio



A Avenida Messias Gonçalves passa ao lado da Praça Nossa Senhora de Fátima. Entre as residências se concentram os pontos comerciais da cidade: "banco, correio, lotérica, padaria, farmácia, Prefeitura Municipal, supermercados, lojas, bares, lanchonetes, cartório, alguns órgãos públicos, dois postos de combustíveis e três igrejas." (FERREIRA,2017b, p. 5).

AVENIDA MESSIAS GONÇALVES

No final da Avenida "está a cerâmica, um centro de saúde e algumas casas de fazendas próximas à cidade. Esta avenida está geograficamente localizada bem no centro da cidade." (FERREIRA, 2017b, p. 5).



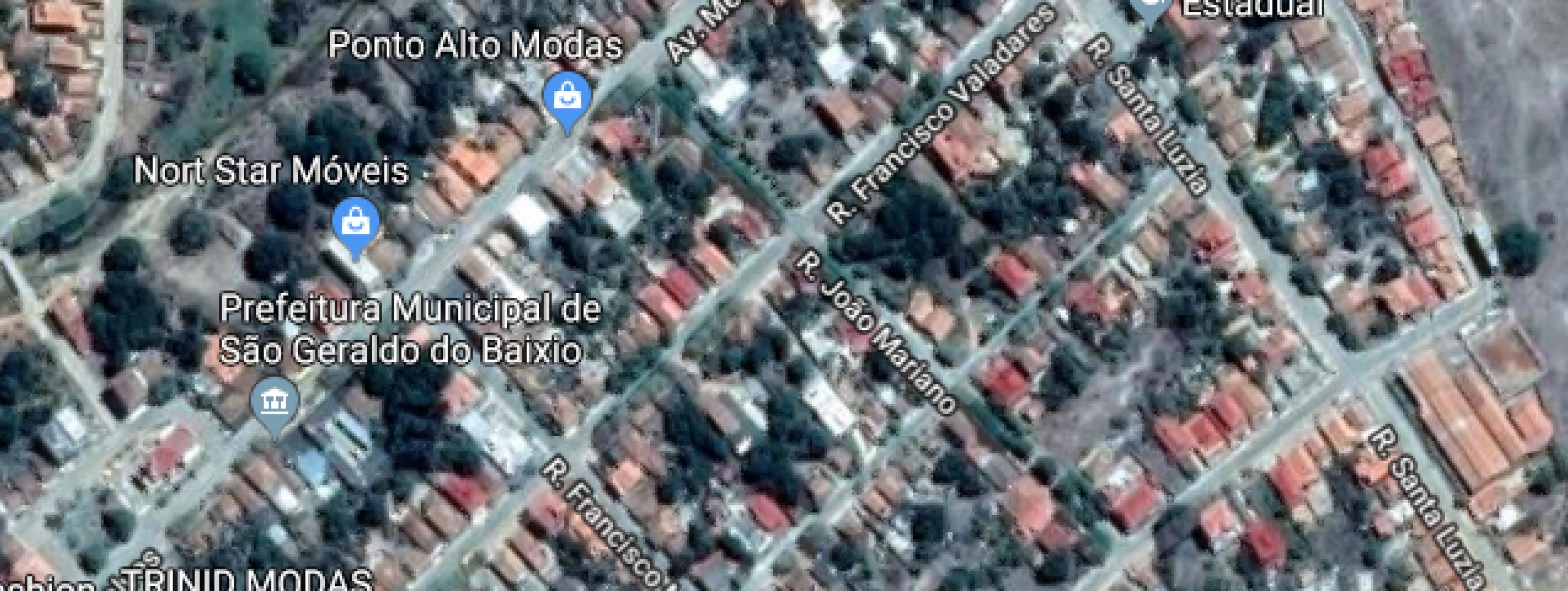
PRAÇA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Esta praça está localizada no entorno da igreja católica São Geraldo Magela e se constitui como um ponto de encontro dos moradores. "Em torno da praça está a sorveteria, bar, lanchonete, pontos de taxis. É praticamente o coração da cidade" (FERREIRA, 2017b, p. 8).

Os moradores têm o hábito de se sentar na praça durante o dia e à noite, após a missa.

No meio da praça há um coreto com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, onde outras igrejas costumam realizar cultos ao ar livre. (FERREIRA, 2017b, p. 8)

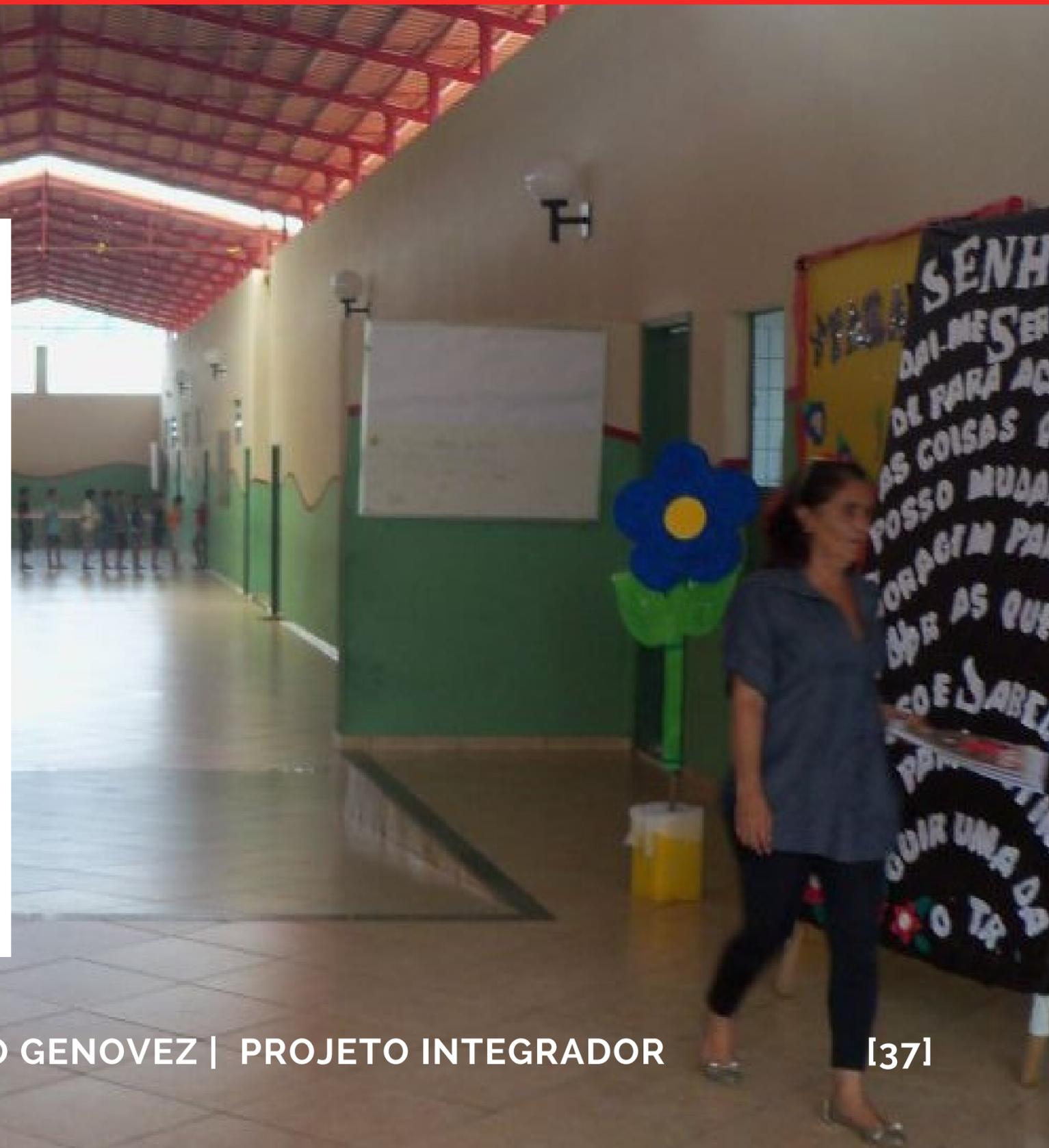




O CENTRO

No Centro estão localizados o Posto de Saúde, a Farmácia Popular, a Escola Municipal Tereza Barbosa, a Escola Estadual, o Centro Cultural, uma lanchonete, alguns botecos e cinco igrejas. "Este bairro, como todos os outros, faz limite com as pastagens das pequenas fazendas em torno da cidade." (FERREIRA, 2017b, p. 5).

**DENTRE AS ESCOLAS DO
MUNICÍPIO DESTACAMOS A
ESCOLA MUNICIPAL TEREZA
BARBOSA - LOCAL ONDE SERÁ
DESENVOLVIDO O PROJETO
INTEGRADOR DO CURSO DE
ARQUITETURA E URBANISMO
DA UNIVALE.**



A Escola Municipal Tereza Barbosa foi criada através da Resolução n. 9162 /98. A publicação do funcionamento ocorreu em 28/02/98, no Diário Oficial, pagina 07- coluna 01, autorizando a municipalização das turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental da escola estadual “São Geraldo do Baixo”, situada na Rua Santa Luzia, 231, no Município de São Geraldo do Baixo – MG. Esta Resolução entrou em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 1º de janeiro de 1998, suas atividades tiveram início em 01/01/98. [11]

[11] Todas as informações sobre a Escola Municipal Tereza Barbosa foram cedidas por Henis Neves Ferreira.

A Escola "Tereza Barbosa" foi assim denominada em homenagem à senhora Tereza Barbosa, antiga moradora, com expressiva atuação social no meio comunitário local, especialmente, no momento inicial de desenvolvimento deste município. Atualmente, esta escola possui 236 alunos de 1º ano ao 5º ano, funcionando em turno matutino; e, 67 alunos do pré escolar, no período vespertino - de 7:00 às 11:20 e de 12:00 às 16:20. Além disso, atende 6 turmas no projeto do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) de tempo integral. Os alunos são provenientes da área urbana e da zona rural. Em termos de estrutura, a escola possui: 1 diretora, 1 vice diretora, 1 coordenadora, 9 funcionários de serviços gerais, 2 especialistas, 11 professores regentes, 5 professores de apoio e 303 alunos.



A escola tem uma boa estrutura física: 1 cantina com ampla área de alimentação com mesas e cadeiras nas altura adequada para a faixa etária atendida, bons mobiliários nas salas de aulas, 11 salas de aula, 1 banheiros feminino e 1 banheiro masculino, 1 secretaria, 1 pátio, 1 sala de supervisão, 1 sala da diretora, 1 biblioteca com equipamentos multimídias, 1 sala de recursos, 1 sala de informática, 1 sala do PETI, e uma quadra em fase inicial de construção, ao lado da cantina.



O CENTRO

"Algumas ruas da proximidade da praça central, próximo à igreja católica, são conhecidas como Centro. Há casas e a delegacia fica à uma quadra da praça. No entorno deste espaço temos lojas de material de construção, mercado, algumas lojas de roupas, funerárias, farmácia, Prefeitura e outros comércios que estão na avenida principal (...). Ali fica um antigo campo de futebol onde são realizados torneios e jogos entre o time da cidade e os times da região. Em frente ao campo, em uma rua estreita, (...) tem um açougue, uma oficina de móveis e muitos botecos." (FERREIRA, 2017b, p. 8).



Igreja Católica De São
Geraldo Do Baixio



BAIRRO DO HORTO

Este bairro encontra-se na parte alta da cidade. Seu desenvolvimento se deu em torno do cemitério. "(...) é um bairro visto como periferia, está logo abaixo do depósito de lixo da cidade" (FERREIRA, 2017b, p. 8). Algumas de suas ruas são calçadas outras ficam em uma área mais baixa e se tornam enlameadas no período chuvoso. "(...) a entrada para este bairro é através de uma ponte, perto da praça que dá acesso direto à rua do cemitério que se destaca de longe, bem na entrada do bairro, com seus túmulos simples, muros brancos e grande portão de ferro. Este bairro cresceu rápido e tem muitas casas, a maior parte dos moradores são pessoas mais carentes." (FERREIRA, 2017b, p. 8)

BAIRRO LEVINDO VALADARES

"O bairro está localizado no lado mais baixo da cidade, e os moradores enfrentam muitas dificuldades com os alagamentos que acontecem sempre que chove um pouco mais forte. O bairro é um dos maiores da cidade, parte da avenida Messias Gonçalves, passa por este bairro. Do lado direito do bairro, tem poucos bares. O bairro é plano e é onde estão localizados o almoxarifado da prefeitura, o estacionamento das máquinas usados nos serviços públicos e os ônibus escolares. " (FERREIRA, 2017b, p. 6).





"Ao lado do bairro Levindo Valadares, existe uma pista de corrida de cavalos, onde são realizadas as festas que comemoram o aniversário da cidade. Todo ano tem festa com apresentações de bandas, cantores, a tradicional corrida de Argolinhas e corridas de cavalos com muitas apostas de variados valores em dinheiro. O evento causa grande movimento de pessoas das cidades vizinhas e da própria cidade. No bairro está localizada a única quadra comunitária da cidade (Osmarim Florêncio Chaves). Essa quadra é usada para jogos dos jovens uma vez por semana e vários tipos de eventos como: casamentos, festas de formatura e para aulas de futebol, onde um voluntário ensina futebol para as crianças pequenas." (FERREIRA, 2017b, p. 6).



Bairro Santa Helena

O Santa Helena localiza-se ao lado da Avenida Messias Gonçalves. "(...) é um bairro pequeno e está localizado em uma parte alta da cidade, livre das enchentes. É arborizado, com muitas construções novas, amplos quintais, com árvores frutíferas e coqueiros. É um bairro tranquilo e sossegado e faz limites com uma área de pastagem das pequenas fazendas que rodeiam a cidade. Algumas das ruas não possuem calçamento. Há alguns botecos. É saída para uma comunidade rural próxima da cidade chamada córrego do Rapa." (FERREIRA, 2017b, p. 10).



SOCIABILIDADE E COTIDIANO

É uma prática o cumprimento entre os vizinhos, em São Geraldo do Baixio. Costuma-se pedir a bênção às pessoas mais velhas. "Nas festas promovidas pela Igreja católica é habitual a realização de cavalgadas, nas quais as pessoas desfilam com suas montarias. Carroças e charretes se misturam aos animais juntamente com automóveis e motocicletas durante o desfile pelo centro da cidade. Esses costumes não são característicos de uma cidade grande". (FERREIRA, 2017a, p. 4)

OS MORADORES ANTIGOS DE SÃO GERALDO DO BAIXIO E AS HISTÓRIAS DA CIDADE

Essas histórias foram colhidas por Jordania de Aguiar, em entrevistas realizadas em 2011. A pesquisa foi realizada como atividade acadêmica do curso de História da Univale, sob a supervisão da Professora Patrícia Falco Genovez.

GENTIL MARTINS DE SOUZA (75 ANOS)

Chegou a São Geraldo do Baixio aos 12 anos. Na época havia a mata e apenas uma rua: a Avenida Messias Gonçalves. O restante era um arrozal. As terras pertenciam ao patrimônio doado pelo Capitão Messias.[12] Havia somente uma vendinha, a do Bertolino. Foi somente após a emancipação que outros comércios começaram a aparecer. Não tinha muitas igrejas, só a católica.

[12] Patrimônio, como espaço de terreno cedido pelo proprietário principal para a moradia dos meeiros, funcionários e a instalação de espaços públicos (igrejas, escolas etc.).

GERALDO SEVERINO DA SILVA (73 ANOS)

Sempre morou em São Geraldo do Baixio. Seu Geraldo relatou sobre o surgimento do bairro Santa Helena, com casinhas simples. Lembra-se da Avenida Capitão Messias e da rua Francisco Valadares. Lembrou-se do comércio do João Marquim que vendia mantimentos, da dona Ilda, Diretora da escola, das festas: Semana Santa, Natal, Congregação Mariana. O futebol era organizado pelos próprios moradores e os jogos eram no estádio.

ILDA BALBINO RIBEIRO (74 ANOS)

Chegou a São Geraldo do Baixio com 3 meses de idade. Lembrou-se que a cidade surgiu com a doação de terras feita pelo Capitão Messias. O Capitão era um homem magrinho que andava com uma carabina nas costas. Todos tinham muito medo dele. A primeira igreja construída foi no morro, próxima do cemitério, e depois foi construída aquela que está na praça central. Havia muita mata, macacos e onças. As primeiras famílias que se estabeleceram foram a do Varto, do Nelito, Ari Machado, os Mariano, Genuíno Gama, os Venâncio e João Viana com a família. As poucas ruas existentes eram pequenas e não tinham nomes. Lembrou-se do primeiro caminhão que chegou à cidade: foi uma festa! Todo mundo correu para ver. O comércio se resumia a dois botequinhos. A primeira loja foi a do Altair Rocha. A professora da escola era a Maria Viana e havia poucos alunos. Em termos de festa, dona Ilda se lembrou das coroações do Mês de Maria. As festas católicas eram organizadas pela Maria Viana, a família do Silírio, os Venâncio, o Renato Carneiro (dono da primeira padaria). A diversão era o forró tocado nas sanfoninhas. Quando criança, dona Ilda chegou a ver um lobisomem no quintal. Toda a família viu!!

OLINDA DE FREITAS FERREIRA

O loteamento onde mora foi doação de terras feita pelo Capitão Messias. Não houve um planejamento, cada um foi chegando e fazendo a casa. A primeira rua da cidade foi a Avenida Capitão Messias, depois foi a Santa Luzia e a Francisco Valadares. O comércio era fraco, tinha as lojas dos Oliveira e dos Viana. Depois da década de 1960 é que o comércio melhora com o Zé Vicente, o Ivo Viana e o Oliveira Viana, todos com lojas na avenida principal. A escola pública tinha até a 4ª série. Dona Olinda estudou na escola Combinada São Geraldo do Baixio. A primeira diretora foi a Dona Maria Joaquina Barbosa. As festas aconteciam na praça ou na escola. Tinha também as festas religiosas: as procissões e as coroações de Maio. A festa junina, organizada pelos próprios moradores, também atraía muita gente.

CARLINDA GONÇALVES DA SILVA (77 ANOS)

Lembrou das casinhas simples do local, com telhas de cumbuca. O comércio era pouco e se comprava de tudo em Galileia. O primeiro comércio foi o do João Viana, em frente a pracinha. Um dos causos que povo contava, era que o Mané Berada se vestia de demônio para assustar. Era a maior assombração da cidade!

EVA CESÁRIO GÓES (75 ANOS)

No início, havia poucas casinhas na cidade e a energia vinha de um gerador. Os comerciantes eram o Zé Vicente e o João Martins. Vendiam mantimentos: arroz, feijão... Para comprar roupas tinha a loja do seu Ivo. Tinha a igreja católica e a da Assembleia.

MARIA DE LOURDES ALVES DA SILVA (48 ANOS)

Tinha poucas casas, eram construções humildes. Os primeiros moradores foram: Messias Gonçalves, Geraldo Vieira, a família dos Mariano e a família dos Viana. O Geraldo Vieira era dono do cartório. O João Viana foi uma das primeiras pessoas a morar aqui. Messias Gonçalves doou as terras. Todos eles foram importantes para a formação da cidade. E não podemos nos esquecer do Seu Ivo Viana. Ele ajudou muito na emancipação da cidade. Os lugares mais significativos da cidade são: o Cruzeiro, a Pracinha, a Igreja de São Geraldo. O Cruzeiro era o centro da cidade. O pessoal se reunia ali. As ruas que foram surgindo: Santa Luzia, Avenida Messias Gonçalves e Francisco Mariano homenagearam pessoas importantes e a Santa Luzia. Não tinha farmácia e nem padaria. Os botecos vendiam pão e remédio clandestinos, feitos por curandeiros. Os mantimentos eram comprados em Galileia. O comércio no Centro da cidade começou por volta da década de 1990. Quando dona Maria de Lourdes começou a estudar a escola só oferecia o ensino do primeiro grau (1ª à 8ª série). O segundo grau era cursado em Galileia. A Prefeitura tinha um ônibus para levar e buscar os alunos. As festas eram animadas: barraquinhas do mês de Maio, fogueira nas Festas Juninas e as festas mais tradicionais eram feitas na Avenida Messias Gonçalves. Colocava-se uma corda, isolando as casas, e os cavalos corriam no meio da rua. Hoje não, hoje tem a área de festas.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Tecer algumas considerações sobre a formação histórica e territorial de São Geraldo do Baixio não é uma tarefa fácil. O exercício de pesquisa que obtivemos com esse Projeto Integrador apenas levantou elementos indiciários de um processo multifacetado sobre o qual há poucos registros disponíveis no momento.

Não há como negar uma ocupação territorial anterior que remete aos vários grupos indígenas que já estavam estabelecidos nesta região de Minas Gerais; assim, também, não há como apagar o processo de 'limpeza' instaurado pela Coroa portuguesa e, posteriormente, pelo governo brasileiro. Aliás, um processo que se estendeu até 1927 quando os Krenak foram emboscados na aldeia de Kuparak, próximo a São Geraldo do Baixio e que foi esquecido pelas narrativas dos antigos moradores locais.

A ocupação subsequente ocorreu a partir de clãs familiares. Um padrão que não difere verticalmente daquele adotado pela ocupação indígena, também de origem comunitária. Esse traço permanece como um fio condutor tênue da história local e das redondezas e sobrevive até os dias atuais, apesar dos elementos de modernidade que já aportaram em várias localidades da microrregião de Governador Valadares. As forças de uma sociedade moderna, muitas vezes, conflitam com elementos comunitários que subjazem à identidade territorial, configurada desde o século XVIII e XIX. Alguns desses elementos foram amnesiados, mas, não foram extintos.

De acordo com Henis Neves Ferreira (2017, p. 2),

"No cotidiano da cidade é possível observar que, ao entardecer, as pessoas têm o hábito de se sentar de frente para a rua, em bancos de madeira nas portas das casas. As pessoas se debruçam nas janelas para “espiar” o movimento da rua. Qualquer acontecimento diferente da pacata rotina da cidade rapidamente vira notícia e gera comentários. Outro hábito comum é conversar, “bater papo”, “jogar conversa fora”, na praça principal Nossa Senhora de Fátima, localizada em frente à única igreja católica da cidade. À noite, os jovens gostam de se sentar na praça para conversar com amigos e namorar. Durante o dia frequentam a quadra da cidade, no Ginásio Poliesportivo Osmarim Florêncio Chaves – inaugurado em 2004. O ginásio encontra-se em bom estado de conservação, contendo arquibancadas com capacidade para 500 pessoas. O local é utilizado pela população para atividades como: festas de casamento, de aniversário e de formatura. A população também frequenta uma área plana, gramada e aberta, próxima da quadra, para jogar bola. Anualmente nesse local acontece uma grande festa em comemoração ao aniversário da cidade, quando ocorrem apresentações de bandas e cantores; cavalgadas e uma tradicional corrida de argolinhas. Tanto a quadra quanto a área gramada estão localizadas no bairro Levindo Valadares".

"Além desses lugares, outras importantes áreas da cidade são comumente frequentadas pela população. Durante a manhã, em frente à prefeitura, há uma área com grande movimento de pessoas. Já à noite, o movimento se concentra nos botecos e bares ao lado da praça, onde a prática de jogos de sinuca e baralho, são hábitos comuns e amplamente difundidos.

No entanto, a cidade também apresenta espaços pouco frequentados, como o centro cultural, o mini estádio (em construção) e a academia ao ar livre, localizada na praça próxima do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS4). Todos esses são espaços construídos recentemente".



Os dados fornecidos por Henis Ferreira (2017) são importantes para pensarmos todo o processo de formação territorial ocorrido em São Geraldo do Baixio. Os contextos históricos e culturais levantados na primeira parte desta pesquisa nos faz pensar na existência de um território existencial que circunda não só a Escola Municipal Tereza Barbosa, alvo do Projeto Integrador promovido pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Univale, mas, envolve toda a cidade. Há lugares significativos para a população e tais lugares integram o que poderíamos chamar de 'lugares de memória' que “assumem importante significado por fazerem parte da memória coletiva de determinado grupo, a memória de um passado comum e de uma identidade social que faz com que o grupo se sintam parte daquele lugar (...)” (TOMAZ, 2010, p. 2).

Nesse sentido, deve-se considerar de modo cuidadoso toda e qualquer interferência nestes territórios existenciais visto que os mesmos se encontram atrelados a configuração identitária da população. Numa espécie de ação preventiva em relação ao patrimônio cultural do município há que se pensar criticamente quanto a possíveis rupturas no ritmo de desenvolvimento urbano e nas alterações promovidas na cultura local (ZANIRATO, 2009).

Esses elementos de sociabilidade, oriundos do processos de formação histórica específica do local, remete a uma configuração comunitária que se apropria dos espaços citadinos numa perspectiva distinta da societária, lembrando os conceitos de Ferdinand Tönnies. Henis Ferreira (2017, p. 5) ressalta que "em uma cidade pequena, considerada comunidade, as atitudes e condutas do cotidiano geram conceitos sobre o sujeito. Procuram conhecer-se uns aos outros, estabelecem relação de confiança adquirida com a convivência, relacionam-se mais por cunho afetivo do que racional. Um hábito muito comum em cidades pequenas é a construção e o fortalecimento de vínculos da população através da socialização das pessoas nos locais da cidade, como praças, igrejas, escolas, locais dos quais a população faz parte desde a sua fundação. Esse estreitamento de laços dentro de locais significativos faz parte de um padrão de vida comunitário".

Entretanto, há que considerar que, se há esta vivência de forte colorido comunitário, há também elementos societários que se mostram em outras relações, especialmente, através das relações comerciais e de negócio, garantidas por contrato. Desse modo, "ao se compreender São Geraldo do Baixio através de um olhar ampliado pelo viés sociológico de Tönnies nota-se que existe união e intimidade além da vontade arbitraria desse conjunto de pessoas. Trata-se de uma força maior que envolve esta população em um entrelace sanguíneo e moral que forma um equilíbrio em prol da coletividade" (FERREIRA, 2017, p. 7).

Indiscutivelmente, a cidade passa por uma transformação. Esse processo de desenvolvimento acaba por extinguir determinados padrões comunitários e por adotar outros padrões mais societários.

"São Geraldo do Baixio é uma cidade de interior que teve seu território modificado ao longo do tempo. A alteração de espaços, e a chegada de outros, estão acontecendo de maneira lenta e a cidade está ganhando características de cidade grande. As ruas estreitas de terra foram pavimentadas, as janelas das casas ganharam grades e no comércio local houve uma modernização, mas o hábito de anotar na caderneta foi substituído por anotar no bloquinho do fiado, agora limitado a algumas pessoas. A relação de confiança aos poucos está se enfraquecendo. As vendas tomaram aspecto de supermercado, com prateleiras e corredores, mas a cidade ainda oferece apenas bens de consumo básicos (alimentação, vestuário, móveis e alguns eletrodomésticos). Ou seja, os hábitos comunitários estão sendo convertidos em societários, num processo marcado por significativas rupturas. (...) Contudo, cumpre destacar que essa ruptura nunca é total, pois o processo de transformação também é marcado por continuidades. O hábito de alguns comerciantes continuarem anotando o "fiado", mesmo que somente para poucas pessoas, é um exemplo de que a confiança, característica do modo comunitário de sociabilidade, ainda permanece na cidade que está ganhando contornos societários". (FERREIRA, 2017, p. 11 e 12)

Essa tensão entre uma vivência comunitária e societária se expressa no modo como os moradores se relacionam com alguns espaços públicos: o Centro Cultural, a Academia Popular e o mini estádio de futebol. De acordo com Henis Ferreira (2017, p. 12), "a população apresenta resistência em ocupar locais que não retratam claramente as questões de identidade comunitária em resistência a hábitos e estruturas societárias. São tensões de uma cidade em transformação, onde os hábitos societários surgem sem que os hábitos comunitários desapareçam. Dessa forma, a academia popular, o centro cultural e o mini estádio de futebol, espaços típicos de uma cidade, ainda não encontraram a identificação necessária para seu uso, o que justifica o fato de serem ignorados. Cada espaço construído é considerado palco de experiências e relações sociais, onde os sujeitos são atores das próprias histórias. Nesta perspectiva, (...) quando o indivíduo conhece e se reconhece como integrante do espaço pode ocorrer mudanças de atitudes, despertando nele estreita relação de convivência com a paisagem do lugar."

Em outras palavras, a reação de estranhamento da população e, até mesmo, de distanciamento se deve ao fato desses espaços terem um aspecto societário que evocam um movimento de urbanização que destoa da vivência simples e acolhedora presente desde os primeiros tempos da ocupação territorial do município.

As estruturas modernas dificultam uma identificação com o território circundante e com os territórios existenciais já configurados, carregados de uma memória coletiva fincada em raízes rurais. Torna-se mais difícil apropriar-se de um cenário moderno e configurar uma memória que destoa do ambiente rural que circunda todos os bairros da cidade, palmilhados de construções simples com quintais grandes que reforçam o ar interiorano.

Portanto, cabe realçar o desafio de vivenciar um processo de urbanização que, de fato, possa dialogar com os territórios existenciais e os lugares de memória que já existem. Este, aliás, é também o desafio deste projeto integrador: buscar exatamente colocar o futuro arquiteto e urbanista frente a uma cidade que não pode e nem deve ser considerada enquanto “concha vazia” (LEPETIT, 2001), mas, solicitando ao novo profissional o compromisso de dialogar com as várias temporalidades que perfazem o cotidiano de cada localidade. É neste sentido que essas notas prévias de pesquisa, ainda que bastante preliminares e incompletas, procura indicar.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES ORAIS:

Gentil Martins de Souza (75 anos), entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silva, em 2011.

Geraldo Severino da Silva (73 anos), entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silva, em 2011.

Ilda Balbino Ribeiro (74 anos), entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silva, em 2011.

Olinda de Freitas Ferreira, entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silva, em 2011.

Carlinda Gonçalves da Silva (77 anos), entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silva, em 2011.

Eva Cesário Góes (75 anos), entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silvar, em 2011.

Maria de Lourdes Alves da Silva (48 anos), entrevistado por Jordânia Aguiar Pereira e Lorena C. A. Silva, em 2011.

FONTES ESCRITAS:

Trabalho de campo realizado por Henis Neves Ferreira - coleta de dados e informações anotados em 2017.

IBGE. Brasil em síntese. Minas Gerais. São Geraldo do Baixio. Site: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-geraldo-do-baixio/historico> - acessado em 20/04/2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESPINDOLA, Haruf Salmen. Extermínio e servidão. Revista do Arquivo Público Mineiro. V. 47, fascículo 1, ,. 48-64, jan-jun, 2011.

ESPINDOLA, Haruf Salmen Espindola e WENDLING, Ivan Jannotti. Elementos biológicos na configuração do território do rio Doce. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 24, nº 39, p. 177-197, jan/jun 2008.

FERREIRA, Henis Neves. Territorialidades implícitas no uso de espaços públicos de São Geraldo do Baixio. Monografia. 16f. Curso de Pedagogia/Univale, 2017a.

FERREIRA, Henis Neves. Cartografia do bairros - São Geraldo do Baixio. Monografia. 11f. Curso de Pedagogia/Univale, 2017b.

LEPETIT, B. Por uma nova História urbana. São Paulo: EDUSP, 2001.

PEREIRA, Jordania Aguiar, SILVA, Lorena Caroline Alves da. Onde mora nossa história - São Geraldo do Baixio. Monografia. 40f. Curso de História/Univale. Governador Valadares, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GERALDO DO BAIXIO. Plano municipal de saneamento básico (PMSB) do município de São Geraldo do Baixio/MG - Relatório Final e Proposição da Minuta de Lei do PMSB (Produto 08/08), 2016.

TOMAZ, Paulo C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Revista de História e Estudos Culturais. Vo. 7, ano VII, n. 2, 1-12, 2010.

ZANIRATO, Sílvia H. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. Patrimônio e memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 1, p. 137-152, out. 2009.



**ANEXO - IMAGENS REFERENTES A
SÃO GERALDO DO BAIXIO**

PRAÇA NOSSA SENHORA DE
FÁTIMA (ANTERIORMENTE, RAUL
SOARES)
ACERVO: SITE DA PMSGCB



INÍCIO DO POVOAMENTO
ACERVO: SITE DA PMSGB



IGREJA MATRIZ
ACERVO: SITE DA PMSGB



IGREJA MATRIZ ANTIGA

ÁREA CENTRAL DO DISTRITO
ACERVO: SITE DA PMSGB



AVENIDA PRINCIPAL DO DISTRITO
ACERVO: SITE DA PMSGB



**AGRADECEMOS A TODOS
QUE COLABORARAM
COM ESTA PESQUISA,
ESPECIALMENTE, AS
PESQUISADORAS:
JORDÂNIA AGUIAR
PEREIRA, LORENA C. A.
DA SILVA E HENIS
NEVES FERREIRA**

